

LITERATURA BRASILEIRA

Clovis Ribeiro, editor pioneiro

PEDRO FERRAZ DO AMARAL

Injusta e inexplicavelmente, vai passando para o olvido o nome de Clovis Ribeiro, um benemerito cidadão que prestou a sua terra notáveis serviços, não somente na esfera político-administrativa, em que se revelou nos idos de 1934, mas também em outras muitas, nas quais deixou a marca de sua passagem. Assim foi na esfera editorial. A história dessas atividades em São Paulo e no Brasil ainda não foi escrita. Nada se conhece da luta porfiada que se desenvolveu no País, com o objetivo de dotá-lo de uma indústria gráfico-editora eficiente e sólida. No dia em que a pesquisa de nossos historiadores alcançar esse campo, avultarão, por certo, muitos nomes dignos de memória, mas o de Clovis Ribeiro há de primar como o de um dos pioneiros do movimento que, tendo tido início com os empreendimentos dele, se prolongou até nossos dias, em que assistimos a verdadeira florescência de editores e editoras. Como pudemos participar de perto desses trabalhos, intentaremos contar aqui o que nos foi possível recordar.

Para começo de conversa, precisamos recuar à segunda década deste século, quando vemos repontarem em São Paulo, por ação de abnegados industriais das artes gráficas, algumas iniciativas visando a impressão e venda de livros que lhes pareciam capazes de encontrar compradores, naquela quase aldeia que era a nossa Capital e nas pequenas cidades que ficavam ao alcance dos precários meios de transporte então existentes. Poderíamos citar alguns nomes, mas preferimos calar, sugerindo a outros, mais bem informados, que o façam a seu tempo. Falaremos apenas do jovem editor que, com revistas e livros modernos e elegantes, desbastou o caminho, demonstrando a possibilidade de fazermos algo semelhante ao que se fazia em outros países, principalmente na Argentina.

Bacharel pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1915, filho de Olegário Ribeiro e de D. Etelvina de Paula Ribeiro, Clovis procedia de gente já afeita às letras. Em julho de 1877, seu pai era professor público em Bragança, figurando como um dos redatores do jornal "Mirim", órgão do "Club dos Estudantes" do collegio de José Guilherme Cristiano, editado por José Maia, que depois veio a ser diretor-proprietário da "Gazeta de Bragança". Ao que refere Lafayette de Toledo, esse jornalzinho era realmente pequenino e inteiramente dedicado à literatura, tendo vivido até agosto de 1879. Olegário Ribeiro teve depois tipografia em Bragança, a qual, ao que nos informam, foi transferida para esta Capital, depois de falecido seu proprietário, e aqui instalada num velho sobradinho, na rua Dr. Frederico Abranches, 43, em frente à antiga travessa Abranches, hoje rua Barão de Jacutinga, casa que ainda hoje lá se encontra. Aí passou a funcionar, pouco antes de 1920, a Sociedade Editora Olegário Ribeiro, que Clovis fundara para continuar a tarefa iniciada em Bragança por seu progenitor. Secretário de recém-fundada Associação Comercial de São Paulo, criou para ela a "Revista do Comercio e Industria", orientada por seu cunhado Waldemar Ferreira, então jovem advogado nos auditorios da comarca desta Capital, mas já autor de notáveis trabalhos que lhe assegurariam proximamente a cadeira de Direito Comercial da Faculdade de Direito de São Paulo, da qual se projetaria como um dos mais altos expoentes da cultura jurídica nacional e mesmo universal. Assim, o novo mensário logo se tornou uma publicação de prestígio incontestável, pene-

trando nos círculos comerciais e industriais do País. A propósito, lembremos que Clovis Ribeiro já revelara gosto pelas atividades de empresário. Um "perfil em versos", publicado em 1915 pela revista "A Cigarra", retratando os bachareis daquele ano, dava-o como comprador de dormentes, negociante de mica... E essas atividades exercia-as concomitantemente com as de jornalista e funcionario publico.

Por essa época, fundada a edição paulista do "Jornal do Comercio" do Rio de Janeiro, foi confiada a Clovis Ribeiro a seção comercial do matutino. Aí teve como colaborador Alvaro Camara, que veio a substituí-los anos depois, ao assumir ele a chefia da seção de economia d' "O Estado de São Paulo". Neste posto, manteve-se efetivamente até 1923, quando outras atividades o atraíram, mas jamais deixou de prestar a esta folha dedicada assistencia.

A "Revista do Brasil", fundada em 1916, passara às mãos de Monteiro Lobato, unica pessoa considerada capaz de levá-la avante, em face do prestígio nacional e internacional que a seu nome trouxera a publicação de "Urupês". Lobato e Clovis, encontrando-se todas as noites na redação do "Estado", juntos traçavam planos editoriais, dividindo as possibilidades do mercado nascediço. Clovis, não se contentando com manter a melhor revista de assuntos comerciais da America Latina, pretendia expandir-se na edição de obras literarias. Sonhava com uma revista no genero da famosa "Kosmos" do Rio de Janeiro, mas vazada em moldes modernos, dados os recursos tecnicos de que já dispunham em São Paulo a arte tipografica. Sua officina era modesta, mas apresentava muito bons trabalhos, como era o caso da revista e dos livros de direito que imprimia. Contava ademais com invencivel disposiçao para o trabalho e um imenso desejo de proporcionar a São Paulo uma atividade editora que se lhe antolhava perfeitamente viavel. Aliás, Monteiro Lobato já havia lançado as bases do seu notavel empreendimento, que se ia

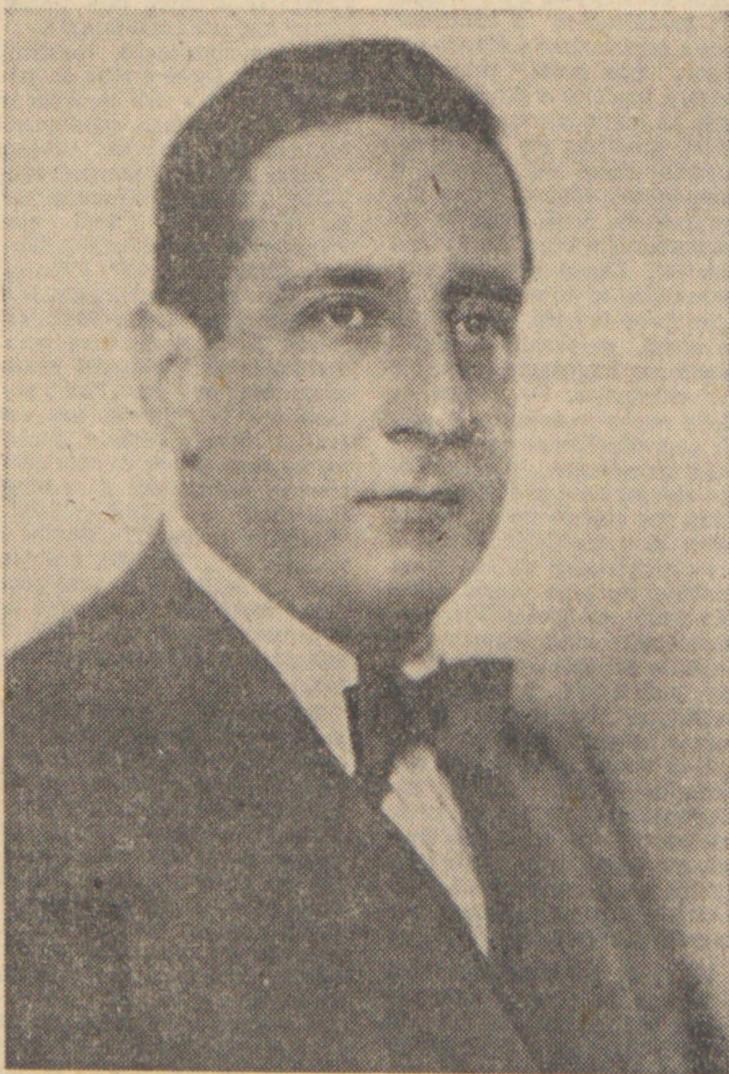
ramificando pelo Interior, através de improvisados livreiros.

Para um industrial de tipografia, seria muito melhor negocio imprimir envelopes, faturas, papéis de carta e outros impressos comerciais, folhetos forenses, os chamados "agravos", livros para os outros, etc. Mas, aceitando também dessas encomendas, não fugia ao fascínio de se tornar editor de obras literarias. E antes de chegar a estas, ia tomando conhecimento dos percalços do comercio livreiro, com as publicações tecnicas, a primeira das quais deve ter sido o "Manual do Comerciante", de Waldemar Ferreira, a que se seguiram "Estudos de Direito Comercial" e "A hipoteca naval do Brasil", ambos do mesmo autor; "A vida do Brasil", estudo historico de Francisco Tito de Souza Reis, então diretor da Escola Agrícola Luiz de Queirós, de Piracicaba, e logo depois diretor geral do imposto de renda; "O que o cidadão deve saber", de Antonio de Sampaio Doria; "O que todo comerciante deve saber", de varios autores e que, como aquele manual civico, teve tiragens de dezenas de milhares de exemplares; "Os suínos", manual do criador de porcos, de Nicolau Athanaso e outros. Menção especial merece a obra "O Brasil", publicada sem indicação do nome do autor, mas que era de Clovis Ribeiro, completo repositório de informações sobre todos os aspectos da vida nacional, ilustrado com retratos a bico de pena feitos por Wash Rodrigues, obra que foi depois reproduzida integralmente na edição de 1918 do "Almanach Comercial Brasileiro", outra excelente criação, que infelizmente não teve prosseguimento. "O Brasil" deveria ser revisto, atualizado e reeditado hoje.

E foi em 1921 que Clovis Ribeiro entrou no campo editorial da literatura, empreendendo três series de publicações: "A Novela Semanal", "A Novela Nacional" e "A Nova Pleiade". Para isso, reuniu um grupo primoroso de artistas: Amadeu Amaral, na orientação suprema e na direção efetiva da seção editorial de poesia; Brenno Ferraz do Amaral, na direção da publicação semanal; José Rossetti, na chefia da tipografia, onde já vinha em-

prestando seu gosto artistico e sua capacidade profissional á impressão dos belos exemplares que dali saiam; Juvenal Prado, um grande desenhista que Monteiro Lobato fôra descobrir pintando cartazes do cinema Santa Helena; Ruy Martins Ferreira, fino especialista de bico de pena e outros. E para dar a este depoimento um cunho de autenticidade, vale dizer ainda que eramos a esse tempo funcionarios da Sociedade Editora Olegario Ribeiro, juntando ás nossas funções de escritorio ás de secretario e revisor de publicações da casa. Era guarda-livros (nesse tempo não se falava em "contador"), Uriel de Carvalho, sendo as funções de administração exercidas por Francisco Pires de Castro, que Clovis Ribeiro fôra buscar no quadro de pessoal da Associação Comercial de São Paulo, de onde também Monteiro Lobato retiraria Octales Marcondes Ferreira, que veio a ser o braço direito de sua empresa.

O relato das atividades editoriais desse grupo será materia de outro artigo. Falemos rapidamente da personalidade singular de Clovis Ribeiro. Pouco falante, modesto, fugindo a todas as oportunidades de aparecer em publico, era verdadeiramente um tímido. Bicho de concha — dis-se-ia. Tendo vivido ao depois uma fase de grande atividade politico-administrativa, raras vezes compareceu a solenidades sociais. Vestindo sempre roupas sóbrias, sentia-se bem era na sua mesa de trabalho, rodeado de livros e papéis, em que gatafunhava a lapis, com força, mas em caligrafia de talhe masculino e legível. Não era um recalçado, mas um espirito comedido e prudente. O trato com os negocios paternos, em que se iniciara desde cedo, tornara-o diferente de seus colegas de academia, aos quais se impunha pela visão pragmatica das coisas. Enquanto a mocidade esfuiziava em brincadeiras e em iniciativas que duravam o que duraram as rosas de Malherbe, ele gizava mentalmente e ia transpondo para o papel, com um senso de organização inato, as linhas mestras da ação a desenvolver para a obtenção do objetivo que colimava. Esse espirito lógico assegurou-lhe posição de relevo na geração a que pertenceu: liderou-a, calada mas eficientemente, nos muitos empreendimentos civicos e sociais que a assinalaram como uma das gerações mais valorosas do Brasil republicano. As campanhas pelo serviço militar obrigatorio e pelo voto secreto; a transformação da Associação Comercial em interprete das legitimas aspirações do povo paulista nos momentos dramaticos das décadas de 20 a 40; a luta pela renovação de nossas praticas politicas, que levou ao glorioso Partido Democratico, a campanha pela habilitação do porto de São Sebastião, a revolução de 1930, o movimento constitucionalista de 1932, a eleição da chapa unica, a reforma do aparelhamento fiscal do Estado no luminoso governo de Armando de Salles Oliveira, de quem foi secretario da Fazenda — obra esta que consistiu na reformulação das leis estruturais do sistema arrecadador, banidas as praticas obsoletas em que se esvaíam as rendas estaduais e em seu lugar erigindo um sistema vivo e racional (e foi uma obra de racionalização dos serviços publicos, na exata acepção do termo) — todas as atividades idealistas ou organizacionais em que se empenhou a nossa sociedade, até 1942, quando veio a falecer, tiveram em Clovis Ribeiro não apenas um colaborador, mas um propulsor energico e atuante. Seu nome precisa ser relembrado.



Clovis Ribeiro